

## A CATEGORIA É: VIDAS TRANS IMPORTAM! CORPOS DE REBELDIA E (RE) EXISTÊNCIAS

Halberys Morais <sup>1</sup>  
Rafaela Lima De Souza<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo expor a realidade LGBTQIA+ entre as décadas de 1960 e 1990, a partir da análise das duas primeiras temporadas da série POSE, produzida pela emissora FX. A Série é uma criação de Ryan Murphy, Brad Falchuk, e Steven Canals, onde podemos notar no decorrer de seus episódios uma estreita relação com o documentário Paris is Burning, que retrata a cultura dos bailes. Com um elenco constituído em sua maioria por negros e mulheres transexuais a Série aponta sobre os preconceitos, a luta pelo respeito e por um lugar na sociedade, destacando problemas e questões que precisam ser discutidas, pois ainda se faz presente na contemporaneidade. Desta forma, tentando romper com as barreiras colônias e fazer desse movimento um futuro diferente utilizamos autoras e autores que discutem Teoria Queer e Decolonidade, pois sem o grito não há revolução.

**Palavras-chave:** Pose, História, Gênero, Aids, Ballroom.

### INTRODUÇÃO

O Transfeminismo<sup>3</sup> (JESUS, 2011; NASCIMENTO,2021) vai dizer que vidas Trans Importam, mas isso não é algo dado, fácil de aceitação na sociedade. São muitos os embates enfrentados quando se fala das transgeneridade. Simone de Beauvoir diz " não se nasce mulher, torna-se mulher". Pois, é nas relações sociais que o gênero é constituído. A partir do "é menino, é menina" inicia-se a generificação daquele corpo e consequentemente vão se construindo as formas de viver e do que se espera que apresente na sociedade. A série Pose se apresenta no afrontamento de seu elenco de

---

<sup>1</sup> Graduanda Trans não binária do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco, [halberys.holanda@upe.br](mailto:halberys.holanda@upe.br)

<sup>2</sup> Graduada do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco – UPE, [Rafaelalimadsouza@gmail.com](mailto:Rafaelalimadsouza@gmail.com)

<sup>3</sup> Letícia Nascimento fala que, "O Transfeminismo é, ao mesmo tempo, lugar de luta política e de produção intelectual, compartilhado por pessoas que se autodefinem como mulheres, queers, mulheres travestis, mulheres transgêneras, mulheres transexuais, pessoas não binárias, travestis, ou ainda de outros modos, como transviadas".( NASCIMENTO, 2021, p.58)

mulheres trans e negras, dando o seu recado com a personagem Elektra, "Deus pode ter dado a Barbie para você, um jardim com Pônei, um namorado chamado Jake, uma gravidez indesejada que seu pai pagou para abortar e você pode ir para faculdade se formar em vadia. Mas nada disso não faz de você mulher." Partindo desse enunciado, compreendemos que a sociedade divide masculino ou feminino/ azul ou rosa/ carrinho ou boneca. Estruturas compartimentadas numa lógica biológica, enxergando esses binômios e tantos outros para enquadrar as vidas e classificá-las dentro do CISTema.

Temos então, dispositivos que operam o CISTema Heteronormativo e regulamentam as práticas sexuais. E aqueles que se encontram fora de suas regulações, infringindo o que se espera destes corpos, sofrem sanções e estão à mercê das violências sejam elas físicas ou psicológicas. ( BENTO, 2004).

O primeiro pensamento para entender esse dispositivo controlador dos corpos, é a discussão que a filósofa norte americana Judith Butler traz sobre o sistema sexo-gênero<sup>4</sup>, entendendo que ambos se fabricam em meio ao social, e é na base das relações que eles se constroem. Foi se pensado por muito tempo um sentido relegado ao sexo de ser pré-discursivo, a-histórico e natural, que construiria o gênero. Mas ambos se retroalimentam e se constituem. Podemos dizer que sexo constrói o gênero (BUTLER,2003). Um conceito que precisamos analisar levando em consideração as formações que foram postas por séculos e que engendram a vida em sociedade, é a cisgeneridade.( VERGUEIRO, 2015; NASCIMENTO 2021). A partir dela se despreendem a bipartição cis x trans, construindo o outro lado que se está em oposição à concepção sexo-gênero-desejo (BUTLER,2003) . É através da cisgeneridade que vamos ter o processo de patologização, criminalização e subalternização das identidades trans.(NASCIMENTO, 2021).

A série Pose possui majoritariamente pessoas trans e negras em seu elenco, constituindo um feito inédito nas produções audiovisuais e uma relevância de grande mérito para as discussões de gênero e sexualidade. Fazendo com que este trabalho tenha o intuito de analisar as temáticas levantadas na série, construindo pontes de discussões com autores que abordam Teoria Queer<sup>5</sup> e Decolonialidade<sup>6</sup>, mas que não tem a

---

<sup>4</sup> BUTLER, Judith. Problemas de Gênero. 2003.

<sup>5</sup> Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é [...] um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade,

intenção de findar com os estudos produzidos, sendo mais uma ferramenta de possibilidades de compreensão e chave de leitura sobre os estudos de gênero e sexualidade. Neste trabalho também será discutido sobre a epidemia da HIV- AIDS, os locais designados para regulação da vida Trans e os famosos Ballrooms. Encontrando debaixo deste grande arco-íris, cheiro de cores vibrantes, uma história que vai mostrar os sabores e dissabores dos corpos dissidentes. Com isso, esses copos de rebeldia e sobretudo de (re)existência vão para jogo e no bordão de Pray Tell iniciamos essa jornada: *Viva... Trabalhe.. POSE!*

## **METODOLOGIA**

A série POSE, produzida pela emissora FX, possui criação de Ryan Murphy, Brad Falchuk, e Steven Canals, onde vamos analisar as duas primeiras temporadas e correlacionar com o documentário Paris is Burning, destacando pontuações que nas duas produções são caras aos estudos Transfeministas. O Brasil é o país que lidera por 13 anos o ranking das estatísticas como o país que mais mata pessoas Trans e Travestis. Também é um dos que mais consome conteúdo pornográfico de pessoas trans. Aqui podemos encontrar duas situações contrastantes, o corpo que tem passibilidade de morrer a qualquer momento é aquele que é procurado para satisfazer o prazer de seus agressores. Angel diz, "você sabe que esses homens têm medo do desejo que sentem. Eles sempre descontam na gente. Eles não matam porque odeiam a gente, mas sim pelo que significa gostar da gente". É instaurado a necropolítica (MBEMBE,2018) a estes corpos que transgridem e desmantelam a ordem social cis-heterossexual.

Temos como mote de exemplificação, a música de Chico Buarque de Holanda *Geni e o Zepelim*, onde apresenta em sua composição Geni (a travesti) que sofre as agruras de ser quem é com a chegada de um forasteiros a cidade em romaria ficando em apuros, só restaria a bela "donzela" salvar a todos. Mas por ironia do destino fica em suas mãos a responsabilidade. Contudo, é usada e abandonada como bem expressa Buarque por tal ato, recebendo a penalização,

Joga pedra na Geni

---

que assume o desconforto da ambiguidade, do 'entre lugares', do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2016, p.7-8).

<sup>6</sup> Proposta apresentada por Ochy Curriel em seu texto Construindo Metodologias feministas a partir do feminismo decolonial onde apresenta discussão sobre diversos pensadores e pensadoras fora do eixo norte global, visando produções Latinas.

Joga bosta na Geni  
Ela é feita pra apanhar  
Ela é boa de cuspir  
Ela dá pra qualquer um  
Maldita Geni

Geni e Zepelim - Chico Buarque de Holanda<sup>7</sup>

São muitas as Genis que sofrem violências dia após dias e não há medidas que protejam suas vidas. Suas vidas importam? Para quem? Quem chora por seus corpos?

## REFERENCIAL TEÓRICO

Em Pose, a luta pela vida, a dignidade, o acesso ao trabalho rondam por toda história. E esse lutar trazendo aqui para os trópicos, a pesquisadora Dodi Leal vai dizer que se dará pelo Hackeamento do gênero e as fabulações travestis do fim (LEAL, 2021). É através deste fim, que podemos pensar que o "fim de mundo" refere-se, antes, ao fim de um mundo: o mundo da branquitude, o mundo da cisgeneridade, o mundo adultocêntrico, o mundo capacitista, etc.". ( LEAL, 2021,p.5)

Encontramos na produção, a história da Candy que ao fundar a casa Ferocity com sua amiga Lulu, suas despesas aumentam e a personagem passa a fazer programas para ganhar mais dinheiro, mas infelizmente durante um dos programas Candy é assassinada, nesse momento a série não só mostra a forma que muitas tinham de conseguir dinheiro, mas também a frequente violência contra esses corpos, que ainda hoje se faz presente nas estatísticas. Ainda no primeiro semestre de 2021, de acordo com o boletim feito pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), o Brasil tem "89 pessoas trans mortas no 1º semestre em 2021. Sendo 80 assassinatos, 9 suicídios. Houveram ainda 33 tentativas de assassinatos e violações de direitos humanos" (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021, p. 1)

O CISTema Heteronormativo branco, não deficiente, busca a todo momento a eliminação dessas vidas, e cria maneiras de exclusão para que não haja emprego, acesso à saúde, à educação. Cooptando as formas de viver a zona de subalternização.<sup>8</sup> Para

---

<sup>7</sup> Geni e Zepelim - Chico Buarque de Holanda. Disponível em: <https://youtu.be/jWHH4MlyXQQ>

<sup>8</sup> SPIVAK, Gayatri Chakravorty, 1942 - Pode o subalterno falar? Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. - Belo Horizonte : Editora UFMG, 2010.

além de trazer discursões sobre a exclusão, relações de trabalho e preconceito, a série possui em sua narrativa uma temática constante, a epidemia da AIDS nos Estados Unidos, que durante a década de 80 passou a ser uma doença associada a homossexuais, e a pessoas do grupo de risco como, por exemplo, pessoas que possuísem relações com mais de um parceiro, sendo assim, pessoas que seguiam com as normas e os padrões cis na sociedade não seriam atingidas pela doença, e os que transgrediam as normas eram punidos.

O comportamento perigoso que produz a AIDS é encarado como algo mais do que fraqueza. É irresponsabilidade, delinquência — o doente é viciado em substâncias ilegais, ou sua sexualidade é considerada divergente. A transmissão sexual da doença, encarada pela maioria das pessoas como uma calamidade da qual a própria vítima é culpada, é mais censurada do que a de outras — particularmente porque a AIDS é vista como uma doença causada não apenas pelos excessos sexuais, mas também pela perversão sexual. (SONTAG,2007,p.80)

Na Série, os personagens participam de um protesto do ACT-UP (AIDS Coalition to Unleash Power) um grupo cujo objetivo era lutar e reivindicar direitos para as pessoas que estavam com o vírus. De acordo com uma matéria do jornal New York Times publicada em 1989, o protesto realizado na catedral de São Patrício, era contra as declarações do cardeal John Cardinal O'Connor, sobre sexualidade, aborto e AIDS, dentre as declarações o cardeal negava que o uso de preservativos era eficaz e defendia a abstinência.

Apesar de a produção retratar o protesto na catedral de modo menos aprofundado, reproduz a indignação e insatisfação na época. Onde ocorria uma epidemia de AIDS e a igreja compartilhava discursos contra o uso de preservativos, contribuindo para o aumento de contágio da doença, além do descaso público com o vírus e com a quantidade de mortos. A série reproduziu alguns momentos do ato contra o cardeal, como o momento em que alguns dos manifestantes que entraram na catedral fingiram estar distribuindo a homilia, mas ao invés do sermão havia explicações sobre a AIDS, sua prevenção e um pedido de apoio à causa. Outro momento do protesto que a série reproduziu além das prisões, foi o momento em que os manifestantes durante a missa, fingiram sua morte em protesto a morte das muitas vítimas da AIDS, alguns manifestantes acorrentaram-se aos bancos da igreja e outros emitiram palavras de ordem durante o ato dentro da igreja como relata Jason Deparle na matéria em que escreveu para o New York Times em 1989.

Como a AIDS ainda era uma doença desconhecida, grande parte da população na época acreditava que possuir a doença significava que o infectado logo chegaria a óbito, tendo em mente que o índice de mortes após contrair o vírus era alto. Em Pose esse medo é frequentemente relatado, Blanca e Pray Tell estão sempre preocupados e temerosos em relação ao tempo que ainda têm ao descobrirem-se portadores do vírus. E como havia a ideia de que os portadores do vírus logo morreriam, a omissão daqueles que contraíram o vírus, na série é uma forma de relatar o preconceito e o imaginário em relação aos portadores da doença. Outro ponto abordado pela série é a escassez de soluções e de medicamentos para serem utilizados, o AZT era o medicamento indicado para o tratamento, pois além possuir um alto custo, o remédio poderia ser tóxico para alguns pacientes, o que levava muitas pessoas a rejeitarem o AZT e optarem por tratamentos experimentais ou a tratamentos sem eficácia como é o caso do Pray Tell que na busca por uma opção além do AZT começa a consumir grandes quantidades de manteiga na ideia de que seu organismo ficasse livre da AIDS.

E uma mistura previsível de superstição e resignação está levando alguns aidéticos a não recorrerem à quimioterapia antiviral, a qual, ainda que não constitua uma cura, tem certa eficácia (retarda o avanço da síndrome e previne algumas infecções oportunistas comuns), e em vez disso a tentarem curar-se sozinhos, muitas vezes orientados por algum guru da “medicina alternativa”. (SONTAG, 2007,p.86)

A produção ainda traz em sua narrativa uma crítica à forma que os corpos dos mortos pela AIDS eram tratados. No início da segunda temporada, a Blanca e o Pray Tell vão até a ilha Hart, onde de acordo com uma matéria publicada no ano de 2018 pela New York Times, os corpos dos indivíduos mortos pela AIDS que não eram reclamados por nenhum parente, eram levados para a ilha e enterrados sem cerimônia em uma grande vala, isso após um período de quarentena, devido ao crescente medo da doença na época. A ilha Hart foi o local de destino desses corpos, sendo alguns deles corpos de crianças aidéticas.

"O fundo do poço somos nós. Tudo aqui vai morro abaixo passando pelas mulheres, os negros, latinos, os gays, até que chega no fundo e toca na gente". A personagem Lulu traz esse discurso bastante forte e retoma a ideia de não visualização de possibilidade de vida. Se o poço são suas vidas, os processos para neutralização de suas existências operam e uns dos primeiros mecanismos é a patologização. No que fica bem nítido neste trecho "Papi, eu sou transexual, eu não devia trabalhar nenhum dia,

quando mais um ano como modelo. Nós não somos nada além de loucos. A gente tem que viver em algum gueto e servir de chacota para o mundo".

Diante disso, as relações de trabalhos para pessoas LGBTQIA+ retratadas na Série apresenta os lugares destinados a esses corpos para a obtenção de dinheiro, o p<sup>ier</sup> e as boates, considerando que muitos eram expulsos de casa depois de se assumirem homossexuais e devido ao fato de transgredirem um ideal estabelecido, não eram contratados. A personagem Angel que sonhava em ser modelo tenta candidatar-se para uma vaga de emprego em uma loja, mas a chance de concorrer à vaga lhe é negada, por ser uma transgressora da norma imposta pela sociedade.

“A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que esses são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “femea”. A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as praticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. (BUTLER, 2003,p.39)

A personagem Blanca também sofre com a opressão e o desrespeito, ao trabalhar em um salão de unhas, a cena em que Blanca se demite possui uma fala que retrata a relação de trabalho para pessoas Transexuais não apenas na década de 80, mas também nos dias atuais. Ao se demitir após uma discussão com a dona do salão, Blanca escuta da mesma a seguinte frase “Devia beijar meus pés por te contratar. Ninguém mais vai. você verá. Senhoras gostam de ter suas unhas feitas por senhoras”. Essa fala representa o preconceito de um passado e de um presente, pois ainda hoje pessoas Transexuais sofrem com o preconceito e na maioria das vezes não são contratadas por subverterem os padrões de gênero, e encontram como alternativa a prostituição.

“De acordo com dados levantados pela ANTRA, 90% da população de Travestis e Transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda, e possibilidade de subsistência, devido à dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho e a deficiência na qualificação profissional causada pela exclusão social, familiar e escolar.” (BENEVIDES, 2017,p.18)

Blanca também tenta construir seu próprio salão, mas o sonho dura pouco, pois a locatária descobre que Blanca é uma mulher Transexual, e devido a isso, Frederica, proprietária do local tenta sabotar o salão, fazendo ameaças, fechando o local com um cadeado o que acarreta uma briga na justiça na qual a Blanca vence, mas que não

impede Frederica de incendiar o lugar, a proprietária do espaço faz uso de diversos artifícios por não querer manter um contrato com uma pessoa trans.

Tendo em vista esse bloqueio da aceitação, suas vidas são compelidas a eugenia, uma tentativa de limpeza das existências, no que no Brasil fica bem evidenciado no período da ditadura civil-militar com a operação Tarântula, realizada em São Paulo (SILVA, 2019). Neste processo em que uma varredura se aplicava, temos um marco na história da população Trans e Travestis que é quando a Transexualidade entra para o rol de doenças, em 1980. Com isso, vamos ter o processo transexualizador. O médico Henry Benjamin foi um dos que construíram práticas de tratamento para a Transexualidade, enquadrando o transexual "de verdade" ou não. Onde põem também sobre o suicídio pela não conformidade com o gênero e a retomada de um transtorno psicológico. Berenice Bento discute sobre a despatologização e de como os manuais médicos reiteram esse ideal. Tendo o Código Internacional de Doenças (CID - 11 e o DSM - IV) como regulamentadores das normas e parâmetros estabelecidos para determinação dos corpos.

"Por que diagnosticar o gênero? Quem autoriza psicólogos, psiquiatras, endocrinologistas e outras especialidades que fazem parte das equipes multidisciplinares a avaliarem as pessoas transexuais e travestis como "doentes?" (BENTO, 2012,p.579). Pensar sobre as vulnerabilidades que nos cercam enquanto LGBTQIA+, é pensar em como as estruturas de opressões foram formadas. A sociedade se constitui em que o homem branco, cis e hetero, sem deficiência é referência. E todas aquelas que estão fora desse "padrão" estão à margem. Dentro da miríade de identidades, os corpos trans e travestis são os que mais sofrem exclusões e violências, esse corpo Abjeto conceito utilizado pela filósofa Judith Butler explícita bem como são corpos que não merecem atenção e o espaço reservado muitas vezes para suas corporalidades são às ruas. A compreensão de suas vidas são vistas como precárias e que não possuem importância.

O movimento LGBT comumente traz em suas discussões que um dos marcos mais importantes de sua História foi a Revolta de Stonewall, em 1969. Dali em diante muitos processos de emancipação política se desprenderam, com a constituição de grupos reivindicando espaços de fala e escuta para as questões LGBTQIA+. No Brasil, vamos ter o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) e um dos primeiros grupos a se organizar é o SOMOS (Grupo de Afirmação Homossexual) em 1978, buscando uma



articulação com membros da sociedade civil como o objetivo da luta por direitos e visibilidade LGBT. Teremos também jornais criados na época, como Lampião da Esquina e Xana com Xana, veículos publicitários que foram disparadores de notícias, transgredindo a ótica social vigente do período.<sup>9</sup>

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cultura Ballroom começa a ser fomentada na década de 1960, mas a consolidação e despontamento da cultura dos bailes só ocorre na década de 1970 com a criação das chamadas “houses” que passam a ser um local de acolhimento e auxílio aos jovens que entravam para esse núcleo familiar, sendo a casa Labeija a primeira a ser fundada. A cultura Ballroom que é apresentada em pose, é herdeira dos bailes voltados para drag queens, frequentados por diversos segmentos da sociedade em sua maioria LGBTQIA+. Inicialmente ocorriam apenas performances das drags, mas logo depois esses eventos começaram a promover uma competição a partir de categorias. Entretanto, a maior parte da população que frequentava esses bailes era branca, e apesar de haver a participação de indivíduos de diversas classes e contextos, pessoas negras não possuíam destaque nesses bailes. “[...] os participantes negros que quisessem uma chance real de ganhar em alguma das categorias, deveriam “branquear” sua aparência e, mesmo assim, raramente conseguiam levar o prêmio da noite” (SANTOS,2018,p.16).

Diante desse cenário, na década de 1960 a cultura dos Ballrooms começa a ser constituída, os indivíduos que não eram contemplados nesses bailes buscaram criar um novo evento organizado e criado para as pessoas que não se encaixavam nos padrões dos bailes drags, e dessa maneira se inicia o processo de formação da cultura ballroom. A criação desses bailes proporcionou a integração e a liberdade que esses grupos almejavam para desenvolver suas práticas, as categorias e a forma na qual o baile seria organizado. O espaço proporcionado pelos bailes fornecia um ambiente de segurança e liberdade, onde os grupos que eram marginalizados nos demais setores da sociedade podiam ocupar um espaço, ter liberdade, respeito e apoio. O cenário dos bailes não era apenas o cenário de um evento, mas também de uma comunidade, um ambiente para viver uma fantasia, de sentir-se prestigiado e importante.

---

<sup>9</sup> "Nesse momento, o Brasil ensaiava os primeiros e ainda tímidos passos de um lento e gradual processo de liberalização política. Homossexuais se faziam mais presentes nas grandes cidades e surgia, em diversos veículos da imprensa, uma curiosidade crescente em torno dessas pessoas que desafiavam as normas de comportamento padrão de gênero e de sexualidade". (QUINALHA, 2021, p.3).

Os bailes são mais ou menos como nossa fantasia de ser famosos. Sabe, como os oscars, algo assim, ou estar numa turnê como modelo. Sabe, esses garotos que estão nos bailes eles não tem nada. Alguns nem tem o que comer. Vem para os bailes com fome. E dormem na rua, ou no pfer, não sei. Eles não tem uma casa[...] Eles saem vão roubar algo, se vestir, e vêm ao baile por uma noite e vivem a fantasia. (transcrição da entrevista de Pepper Labeija presente no documentário Paris is Burning de Livingston, 1991)

Os bailes representavam também um espaço de competição, onde havia diversas categorias que os frequentadores participavam, e o competidor com a maior nota e performance recebia um troféu, o que contribuía para a construção da imagem daqueles que estavam sempre em destaque nos bailes e nas disputas durante a anúncio das categorias. Nos episódios de Pose o cenário dos bailes é bastante explorado, inclusive os conflitos que aconteciam quando um dos competidores não aceitava a nota fornecida pelos jurados também são retratados. Dentre as numerosas categorias existentes nos bailes para que os frequentadores pudessem competir, havia também as categorias de voguing, um estilo de dança que teve sua origem na prática de insultar ou diminuir um rival, a partir de gestos sutis.

A dança é frequentemente retratada na série, os personagens Rick e Damon, possuem destaque no cenário da dança, e devido ao sucesso da música Vogue interpretada por Madonna, Damon ministra aulas para aqueles que querem aprender o voguing. Na série, o sucesso da música significa para o público que frequenta os bailes um momento de ascensão da cultura dos bailes e um espaço a ser ocupado por eles. Durante a década de 1990 a música da Madonna juntamente com o documentário Paris is burning dirigido por Jennie Livingston forneceu visibilidade aos bailes, além de gerar oportunidades para alguns frequentadores, como Willi Ninja um dos entrevistados do documentário, que chegou a participar de clipes musicais, além de criar coreografias e participar na produção de shows, contudo, após esse período de visibilidade, esses grupos voltaram para a margem da sociedade.

Voguing, da maneira como ficou conhecido, incorporou à essa atitude de um jogo de uma ofensa corporal através da imitação das poses das modelos presentes na revista Vogue, a estética dos movimentos do kung-fu, assim como a inspiração nas poses precisas e angulares dos hieróglifos egípcios. (SANTOS,2018,p.22).

Em POSE, é demonstrado que é através dos bailes que elas podem se reunir, confraternizar a vida e ali também é lugar de luta pelos seus direitos. A constituição de uma família se apresenta. As casas formam essas famílias, advindas principalmente pela rejeição da família consanguínea, na fase da adolescência. Temos que pela Associação

Nacional de Trans e Travestis ( ANTRA), no Brasil a idade que esse abandono acontece é em média, aos 13 anos. Na série, as casas são os lares desses meninos e meninas. A partir da entrada em alguma das casas que frequentam os bailes, são discutidas questões que são muito caras à causa LGBTQIA+: o HIV e a AIDS é perpassado por toda a série, abordando sistematicamente os processos de morte, mas também da luta anti-aids, do amor, da aceitação, a luta contra o preconceito e principalmente a importância da coletividade. Keyla Simpson já disse, "A nossa vingança será envelhecer" (KEYLA SIMPSON, 2021).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A série faz o recorte de um período e denuncia para os seus telespectadores questões que infelizmente não estão encerradas ou distantes de nós, o preconceito, a falta de políticas de proteção e de valorização a vida das pessoas LGBTQIA+ fazem parte do nosso presente. Discutir essas temáticas é fundamental para a construção de uma sociedade livre de preconceitos e violências, levantar essas pautas significa também um grito de guerra contra um sistema que oprime e segrega. Diante disso, a produção carrega um significado muito importante, discussões que merecem ser levadas para os grupos de estudo, rodas de conversas e também para a sala de aula, debates que poderiam ser acompanhados por cenas da série e dos dados coletados na contemporaneidade, a Associação Nacional de Trans e Travestis (ANTRA) e ao Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), são duas instituições que têm bastante importância à causa trans, e que fornecem um mapeamento das ações feitas com a organização de estudos que lutam em prol dos direitos da população Trans. São muitos os enfrentamos que esses órgãos e outros se lançam todos os dias, tentando romper as barreiras colônias e fazer desse movimento um futuro diferente.

### **REFERÊNCIAS**

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Não der Bonfim ( orgs). Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

BENEVIDES, Bruna. Mapa de assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017. Associação Nacional de Travestis e Transexuais.p. 1-121.Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2021.

BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara. Boletim trans – 002-2021 primeiro semestre 2021. ANTRA, p. 1-12, 5 jul. 2021. Disponível em:

<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2021/07/boletim-trans-002-2021-1sem2021-1.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2021.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despalogização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. 233 p.

DEPARLE, Jason. 111 held in St. Patrick's Aids protest. *The new York Times*, 11 dez. 1989. B, Disponível em: <https://www.nytimes.com/1989/12/11/nyregion/111-held-in-st-patrick-s-aids-protest.html>. Acesso em: 14 jul. 2021.

KILGANNON, Corey. Dead of AIDS and Forgotten in Potter's Field. *New york times*, 3 jul. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/07/03/nyregion/hart-island-aids-new-york.html>. Acesso em: 14 jul. 2021.

LEAL, D. T. B. . Fabulações travestis sobre o fim. *Conceição/Conception*, Campinas, SP, v. 10, n. 00, p. e021002, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8664035>. Acesso em: 19 jul. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho - ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. - Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira de. *Transfeminismo*. - São Paulo: Jandaíra, 2021. 192p. (Feminismos Plurais/ Coordenação de Djamilia Ribeiro).

PARIS IS BURNING. Direção: Jennie Livingston. EUA: Art Matters Inc. e Miramax, 1990. 71 min (DVD).

SANTOS, Henrique Cintra. *A transnacionalização da cultura dos Ballrooms*. 2018. 180 p. Dissertação (Mestrado)–2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/331699>. Acesso em: 10 de jun. 2021.

SILVA, André Araújo da. *Damas de paus: atravessamentos afetivos sobre representatividade trans e travesti na música brasileira d'as Bahias e a Cozinha Mineira* (Dissertação Mestrado) Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty, 1942 - *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. - Belo Horizonte : Editora UFMG, 2010.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora: Aids e suas metáforas*. 1. ed. Cia das letras, 2007. 158 p.

ZION, F. A categoria de desfile Runway figura feminina na comunidade afro-latina e lgbt americana Ballroom: Uma passarela contracultural. *Revista de teatro e outras artes*, v. 2, n. 1, p. 1-26, 14 jul. 2020.

